

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA

JULIED FERRINE FLORES

**A DUPLA NEGATIVA
DO PORTUGUÊS FALADO NO DISTRITO FEDERAL**

Brasília

2011

JULIED FERRINE FLORES

A DUPLA NEGATIVA DO PORTUGUÊS FALADO NO DISTRITO FEDERAL

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Língua Portuguesa pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Rachel do Valle Dettoni

Brasília

2011

À minha mãe, Eni, e à minha
companheira, Roseli.

AGRADECIMENTOS

Talvez este seja o momento de maior dificuldade do presente trabalho. Lembrar de todas as pessoas que, de uma maneira ou outra, foram importantes para a culminação de um propósito lançado há quatro anos é uma tarefa praticamente impossível.

No entanto, alguns nomes não posso deixar de mencionar. Em primeiro lugar, Deus, pois sem as bênçãos Dele recebidas jamais conseguiria triunfar sobre um caminho tão árduo. Agradeço em especial à minha companheira, Roseli, pela compreensão e abstinência de muitos finais de semana, e à minha mãe, Eni, pelo carinho e força que sempre me manteve fiel ao meu objetivo. Não posso me esquecer também de meus irmãos, os quais me ajudaram com seus exemplos de garra e vontade de vencer, e de todos aqueles amigos e colegas de faculdade que, ao longo de nossa trajetória, contribuíram para esse momento tão magnífico.

Agradeço também a todos os meus professores que, sem dúvida, contribuíram significativamente para minha formação acadêmica, em especial à minha orientadora, Rachel Dettoni, pelos esclarecimentos prontamente prestados e por toda a orientação em si, sem a qual este trabalho não se concretizaria.

“O homem não é nada além daquilo
que a educação faz dele.”

John F. Kennedy

RESUMO

A negação sentencial do português falado no Brasil (PFB) caracteriza-se pela particularidade de se manifestar por estruturas concorrentes, diferentemente do português de Portugal, no qual só se aceita a negativa canônica. Dentre essas formas concorrentes destaca-se a dupla negativa - o advérbio de negação posicionado antes e após o sintagma verbal - objeto de análise do presente trabalho. Para analisar como este fenômeno surgiu e como se manifesta no PFB foram consultadas diversas obras de autores que teorizam sobre o assunto e realizado um trabalho de campo com a metodologia da Sociolinguística Variacionista para avaliar o português falado no Distrito Federal. Neste trabalho pretende-se compilar os dados das pesquisas de autores que trabalham com a negação sentencial no PFB com ênfase nas postulações mais coerentes com as análises dos seus respectivos dados. Aliados à observação de meus próprios levantamentos, os resultados buscam contribuir para a definição das variáveis que condicionam a ocorrência da negativa dupla no PFB.

Palavras-chave: dupla negação, português brasileiro, variáveis, negação sentencial.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A NEGAÇÃO CANÔNICA (OU PRÉ-VERBAL)....	10
2 DUPLA NEGAÇÃO: ORIGEM E TENDÊNCIAS.....	15
2.1 A dupla negação em Helvécia – BA.....	18
2.2 As pesquisas de Cavalcante (2007) e Ramos (2002): outras visões.....	20
3 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS.....	25
3.1 Das Hipóteses.....	26
4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS.....	27
4.1 Da Análise dos Dados.....	28
4.2 Dos Resultados.....	31
5 OUTRAS FORMAS DE DUPLA NEGAÇÃO.....	33
CONCLUSÃO.....	34
Anexo I.....	35
Anexo II.....	42
Anexo III.....	48
BIBLIOGRAFIA.....	50

INTRODUÇÃO

O tópico central desta monografia está voltado às conceituações teóricas e conclusões pragmáticas referentes ao fenômeno da dupla negação no português falado no Brasil (PFB). Tal fenômeno faz parte de um processo mais amplo no qual a negação sentencial é o ponto de partida, negação esta que pode-se manifestar sob três formas no PFB, conforme explicitado no terceiro capítulo do presente trabalho.

Muitos autores desenvolvem pesquisas no campo da área Sociolinguística visando formular teorias que expliquem quais fatores linguísticos ou sociais influenciam e/ou favorecem a ocorrência da negativa dupla no PFB. Conceitos funcionalistas, postulações, hipóteses, enfim, várias teses são formuladas com o escopo de esclarecer qual a origem e o que mantém a dupla negação tão fortemente presente no PFB.

A funcionalidade da negação sentencial é outro tópico abordado entre os teóricos que se dedicam ao tema. Afinal, para que serve a negação? Denegação, *background*, pressuposição são questões desenvolvidas no decorrer desta monografia que visam elucidar tal questionamento.

Muito se fala também sobre a origem da negativa dupla no PFB. Afinal, ela seria resultado do contato do português do Brasil (PB) com línguas africanas ou seria um processo natural de mudança linguística pelo qual passaram todas as línguas românicas? E as variantes da negação sentencial no PFB, são formas concorrentes ou passamos por um estágio de mudança linguística?

Inúmeras pesquisas são realizadas com ênfase nas variáveis sociais e linguísticas que podem influenciar a dupla negação no PFB. Buscou-se abordar sucintamente algumas dessas pesquisas com o intuito de contribuir para a explicação da formação da língua portuguesa falada no Brasil a partir dos dados coletados do português falado no Distrito Federal.

A presente monografia está estruturada em cinco capítulos. Na primeira parte apresento alguns conceitos funcionalistas, a questão do caráter pressuposicional da negação e a gramaticalização das formas inovadoras. Além disso, a visão sobre os

contextos favorecedores da negativa dupla e a importância da negação sentencial também são exploradas na parte inicial. Na segunda parte discuto hipóteses sobre a origem da dupla negação, comento algumas pesquisas sociolinguísticas com suas respectivas variáveis e o enigma de o PB estar ou não passando por uma fase de mudança linguística. Outrossim, faço um esboço a respeito das estratégias de negação no PFB. No terceiro capítulo apresento meu trabalho de campo e as hipóteses formuladas para os dados coletados. A quarta parte analisa os dados registrados e divulga os resultados obtidos dessa análise. E na parte final, registro outras possibilidades de dupla negação sob a visão de alguns autores citados no presente trabalho.

1. BREVE HISTÓRICO SOBRE A NEGAÇÃO CANÔNICA (OU PRÉ-VERBAL)

A linguística funcional é a área da ciência que procura explicar as estruturas de uma determinada língua a partir da interação humana. De acordo com Furtado da Cunha (2001), as análises linguísticas de orientação funcionalista partem do postulado básico de que

A língua é uma estrutura maleável, sujeita às pressões do uso e constituída de um código não totalmente arbitrário.

Como consequência da interferência destes fatores externos à estrutura da língua surgem inúmeros fenômenos linguísticos - dentre eles a dupla negação - no intuito de adaptar a gramática de uma língua às estruturas linguísticas que vem sendo praticadas pelos falantes desta língua. Desse modo pode-se afirmar que as estruturas morfossintáticas inovadoras são motivadas por fatores de natureza comunicativa e cognitiva. A sintaxe, por exemplo, origina-se no discurso, pois nele o falante emprega estratégias criativas no sentido de organizar funcionalmente seu texto conforme o público-alvo. A recorrência de determinadas formas na oralidade é capaz de modificar as regras da gramática e caracteriza o processo de regularização linguística, fazendo-se mister observar e analisar a língua como ela é falada. O uso frequente de tais expressões é um dos fatores que indica se elas são ou não consideradas pela comunidade linguística como gramaticais.

Para nossa análise alguns conceitos funcionalistas tornam-se pertinentes, tais como: marcação, iconicidade e gramaticalização. A marcação refere-se à presença ou ausência de alguma propriedade em pares contrastantes de forma que a variante que apresente a propriedade em análise é classificada como *mais marcada*. A iconicidade, por sua vez, significa a capacidade das estruturas morfossintáticas de gerar imagens na mente interpretadora, a partir das quais seja possível aproximar-se do projeto comunicativo inscrito no texto. E a gramaticalização diz respeito às necessidades emergentes de novas estruturas morfossintáticas em decorrência de questões paratáticas, sintáticas e lexicais.

As sentenças negativas são estudadas por diversos autores com um foco especial para as estruturas da negação canônica, ou seja, aquelas nas quais a partícula negativa encontra-se anteposta ao sintagma verbal da oração. Dentre estes autores pode-se citar Givón (1978, 1984), Hans Kamp (1993), Horn (1985) e Carston (1996). Tal interesse pode ser justificado pelo fato de que grande parte dos estudos acerca deste assunto toma como base línguas que não se valem de estruturas de negação pós-verbal de maneira significativa.

Muitos destes autores são consensuais quanto ao caráter pressuposicional das sentenças negativas. Em outras palavras, acreditam que por trás de um enunciado negativo há sempre uma ideia pré-estabelecida sobre determinado assunto. Alguns deles postulam uma característica da fala: a denegação, como se pode observar no trecho abaixo:

A situação paradigmática em que a denegação ocorre é aquela em que o receptor entende o que é dito a ele, rejeita e deixa isso ser percebido pelo falante...

... o efeito da denegação é repudiar algo que foi posto tentativamente ou confidentemente por alguma outra pessoa;

(Kamp e Reyle, 1993, p. 100, apud Lima, 2010)

Para exemplificar essa característica pressuposicional das construções negativas podemos observar o seguinte trecho:

(1) A: Como foi teu final de semana?

B: **Eu não estudei.**

A: Por quê? O que houve?

Analisando o enunciado do interlocutor B, pressupõe-se que ele tencionava estudar no final de semana, no entanto, por algum motivo, isso não se realizou. O leitor, ao se deparar com a informação em destaque, tem a ideia de que o interlocutor B havia planejado estudar no final de semana. Diferentemente seria se o diálogo fosse como exemplificado abaixo:

(2) A: Como foi teu final de semana?

B: Eu estudei.

A: Estudou o quê? Vai fazer alguma prova?

Como se pode observar, a análise das orações acima, sobretudo a do interlocutor B, não pressupõe nenhuma programação prévia de estudos por parte deste falante.

Furtado da Cunha (2001) observa que, enquanto na oralidade encontram-se três estratégias de negação, nos textos escritos a negativa pré-verbal canônica é categórica. A partir daí infere-se que a negativa dupla e a pós-verbal podem estar passando por um processo de gramaticalização, porém ainda em fase inicial, haja vista não figurarem graficamente no PB. Os dados da autora corroboram com esta linha de raciocínio na medida em que demonstram que estas formas inovadoras são mais incidentes nos falantes mais jovens, o que dá margem à hipótese de que ganharão ainda mais força com as próximas gerações. No entanto, ela defende a ideia de que as estruturas negativas atuam de forma concorrente e, portanto, não acredita na possibilidade de traços de gramaticalização no domínio funcional da negação.

De acordo com a autora, a negativa dupla manifesta-se em um contexto de uso específico: trechos do discurso nos quais o falante interrompe o tema ou tópico central do diálogo de forma a provocar uma suave mudança no discurso que corresponde a uma pausa temática (cf. Givón, 1983). Observe o exemplo:

...(os meninos) ficaram muito assustados e voltaram pra casa... conseguiram sair de lá e voltaram pra casa num sei como... como... num sei como foi... meu irmão disse que também *num entendeu não* como... eles conseguiram voltar em casa e contaram lá ao pai dela né... (Furtado da Cunha, 2001 – língua falada)

Schwegler (1988) afirma que há uma *tendência psicolinguística* para o desenvolvimento de marcadores negativos enfáticos e mostra que eles surgem em situações de contradição, ou seja, em situações emocionalmente pesadas.

Outros autores (Chafe, 1994) sugerem que a negativa dupla pode representar um aspecto mais emocional em relação à negativa pré-verbal na medida em que ela tende a ocorrer em contextos de discurso direto, como no exemplo:

(3) ... foi aí que eu fui a um alergista... aí ele disse... “ah você tem que se mudar do ambiente que você tá... que passa muito ônibus... é muito... poluído... mude pra um ambiente mais limpo... por que sua rinite *num tá muito boa não*”... aí mainha procurou... passou... seis meses... sei lá quanto tempo... procurando nos classificados um lugar que... fosse mais propício pra... pra tratar da minha... alergia...(Furtado da Cunha, 2001 – língua falada)

Certamente as conclusões dos pesquisadores supracitados são fruto das análises de seus dados, não podendo ser desprezadas de forma alguma. Diante desse contexto entende-se que a dupla negação possui, na verdade, mais de uma função específica na interação da linguagem humana, revelando que o assunto deva continuar sendo explorado pelos pesquisadores dessa linha de estudo.

Um aspecto interessante apontado por Givón (1978 e 1984) pode explicar ontologicamente a razão de as sentenças afirmativas ocorrerem em maior número que as negativas. Segundo o autor, uma circunstância é composta de acontecimentos e não acontecimentos e os acontecimentos - ou eventos - são menos esperados e ocorrem em

menor número que os não acontecimentos ou não eventos. Dessa forma, os eventos apresentam mais saliência que os não eventos e, assim, configuram o que se chama de *foreground*, que seriam os enunciados que carregam maior conteúdo informativo. Os não eventos, por sua vez, configuram o chamado *background*, isto é, situações de menor impacto, as quais não despertam tanta atenção por parte do receptor. O leitor deve estar se perguntando: Então, para que servem as sentenças negativas se elas anunciam não eventos e não têm o caráter informativo das proposições afirmativas? Ainda de acordo com Givón, a ocorrência de um enunciado negativo funciona como um jogo de linguagem no qual um não evento - normalmente integrante do *background* - é utilizado como *foreground*, invertendo com a proposição afirmativa o papel de *background*, artimanhas da língua. Destarte, o caráter contraditório das proposições afirmativas com as sentenças negativas seria encarado como um pano de fundo, voltando-se as atenções às construções negativas.

Há ainda outro motivo pelo qual uma estrutura frasal negativa tem grande importância. Como citado no início desta seção, o ato de denegar ocorre quando o receptor refuta uma ideia ou qualquer tipo de manifestação verbal. Sendo assim, a negação sentencial torna-se ferramenta imprescindível para dar uma contrapartida em situações de denegação.

2. DUPLA NEGAÇÃO: ORIGEM E TENDÊNCIAS

Alkmim (2002) procura investigar se a origem da dupla negação no PB foi proporcionada por fatores externos ou internos da língua. A autora avalia duas hipóteses: (i) essa estratégia seria um resultado de contato do PB com línguas africanas - origem externa (Holm, 1992; Baxter e Lucchesi, 1997 e Aragão, 1996) - ou (ii) seria o resultado de mudanças linguísticas internas ao sistema das línguas românicas (Sales Filho, 1980; Furtado da Cunha, 1996, dentre outros).

Como base para suas conclusões, Alkmim (2002) analisou o corpus de duas comunidades do interior de Minas Gerais: Pombal (subdistrito de Mariana) e a própria cidade de Mariana, ambas com populações predominantemente negra e descendente de escravos. Da análise dos dados de Mariana depreendeu-se que os analfabetos foram os responsáveis pela transição da nova variante na língua e que os afro-descendentes não representaram um índice quantitativamente significativo. Destarte, conclui Alkmim (2002) que essa variante inovadora originou-se nos falantes analfabetos e que sua origem, portanto, não está relacionada ao contato do PB com línguas africanas, uma vez que os afro-descendentes, como se disse, não constituíram um grupo de expressiva manifestação da dupla negativa. Quando da verificação dos dados de Pombal - somente informantes analfabetos e de origem afro-descendente - a conclusão acima foi ratificada tendo em vista que nessa localidade a mudança em foco estava menos avançada do que em Mariana, reiterando que não são os afro-descendentes os responsáveis pela transição no PB.

A autora faz uma pesquisa histórica bastante interessante quanto a uma possível origem da dupla negação do PB. Segundo ela, um fator linguístico teria suma importância para a ocorrência do fenômeno que estudamos: o pronome de tratamento *senhor*. Com base na investigação de peças teatrais do século XIX e 1ª metade do século XX, Alkmim (2002) explica que eram comuns respostas contendo a expressão *não senhor*, como se vê:

(1) Depois não é, não senhor.

Não acho nada barato, não senhor.

A autora acredita na possibilidade de que os brasileiros - talvez em sinal de respeito ou submissão - tenham adotado como praxe essa expressão ao se dirigir a um superior. Como o passar do tempo o item *senhor* teve sua ocorrência diminuída até desaparecer completamente do PB configurando a forma que vemos atualmente. Visto gramaticalmente este processo foi responsável pela gramaticalização dessa estrutura no PB atual.

Os estudos sobre as motivações competidoras tem seu início ainda no século XIX, segundo Hopper & Traugott (1983). Para eles o neogramático alemão Gabelentz (1891) foi um dos primeiros a propor que a gramaticalização surge como consequência de duas variantes em competição, uma relacionada à facilidade de articulação do som e a outra em defesa da manutenção da distinção. Para Furtado da Cunha (2001) as motivações surgem de acordo com as pressões externas que a gramática sofre, podendo estas motivações serem diferenciadas pela dimensão de clareza referencial vs economia e, ainda, ao longo da dimensão interna vs externa. Rapidez, eficiência, clareza, expressividade e rotinização são exemplos de motivações rivais que dizem respeito à relação entre a língua e seus contextos de uso.

Alguns autores, dentre eles Du Bois (1985), Givón (1995) e Slobin (1980), comungam do ponto de vista de que as gramáticas regularizam o que é mais frequente na língua falada, de modo que subsistemas competidores encontram um equilíbrio dinâmico e variável. Importante frisar que nem sempre estas variantes linguísticas co-existem harmoniosamente resultando em alguns casos de predominância de uma forma sobre a outra. É o caso, por exemplo, do pronome de tratamento *vossa mercê* que, ao longo das pressões externas da língua, passou por estágios de gramaticalização até ser substituído por *você* o qual, por sua vez, parece estar iniciando um novo estágio em direção à partícula *cê*, atualmente presente na língua falada de expressiva parcela do PB.

Conforme Furtado da Cunha (2001), o uso oral constante e rotineiro da língua provoca um certo tipo de desgaste fonológico em algumas formas, especialmente em palavras monomorfêmicas. Esse desgaste pode causar uma determinada perda de

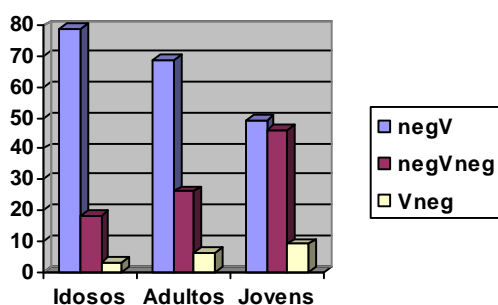
distinção morfológica e, conseqüentemente, perda de seu conteúdo semântico ou de sua força expressiva, motivando, assim, uma busca por redundância. Esta, por sua vez, atua no sentido de reforçar e recuperar o material que se desgastou acrescentando um segundo morfema. A meu ver, uma respeitável explicação para o surgimento da dupla negação no PB haja vista a notoriedade da rapidez presente na oralidade, o que muitas vezes faz com que o falante produza outras formas de negação, sobretudo nas negativas pré-verbais, como se pode observar no exemplo a seguir:

(2) “... eu já falei que num vou...”(Língua falada)

Nessa linha, a autora postula que a segunda partícula negativa surge, num primeiro momento, como um reforço ao *não* pré-verbal. Com o passar do tempo a sua utilização perde seu caráter enfático, reforçador e se torna regular. Dessa maneira a dupla negação é interpretada como modo normal de aplicação e o falante acaba por cristalizar essa estrutura na sua gramática interna. Considerando este enfraquecimento do *não* pré-verbal, a autora faz previsões de que a estrutura canônica tende a ser substituída pelas outras duas formas inovadoras - negativa final e negativa dupla - na medida em que o *não* anteposto ao sintagma verbal não é mais um marcador negativo obrigatório. Schwegler (1988) revela que esse fenômeno de acréscimo de um segundo marcador de negação, e até mesmo a substituição do *não* pré-verbal pelo pós-verbal, é comum em outras línguas do mundo, sobretudo os vernáculos românicos. Talvez o PB, por ser uma língua relativamente nova, esteja aproximando-se dessa fase pela qual passaram outras línguas e a substituição em tela seja apenas uma questão de tempo (grifo meu). A esse respeito, só o tempo trará a resposta, afinal, cada língua tem suas particularidades e somente os falantes, diacronicamente, são quem pode dar as respostas para questões tão teóricas.

Outro autor que compartilha a hipótese de que está havendo uma mudança de padrão no PB com relação à negativa sentencial é Camargos (2000). Com base em seus próprios dados (Camargos: 1998) ele propõe que o marcador negativo está deslocando-se da posição pré-verbal para a pós-verbal na modalidade falada. Interessante notar que este autor segue Schwegler (1991), segundo o qual a construção Vneg deve ser vista como

equivalente a negVneg, e classifica as estratégias de negação em apenas duas estruturas: pré- e pós-verbal, abrangendo esta última as estruturas negVneg e Vneg. Nesse sentido a observação dos dados de Camargos (1998) corrobora a análise de Schwegler (1991) de que a frequência negV encontra-se em declínio em termos percentuais ao passo que a estratégia Vneg apresenta um percentual ascendente na faixa etária mais nova, conforme se pode notar no gráfico abaixo extraído e adaptado de Camargos (2000, p.2):



2.1 A Dupla Negação em Helvécia - BA

Souza (2004) trabalhou com dados coletados sobre as estruturas negativas em uma comunidade rural afro-brasileira chamada Helvécia, localizada no extremo sul do estado da Bahia. Sua pesquisa avaliou diversas variáveis linguísticas sendo consideradas relevantes o tipo de oração, o tipo de frase e o tipo de complemento pós-verbal, além das variáveis sociais faixa etária e sexo.

Sobre o tipo de oração, Souza (2004) verificou que a dupla negação é favorecida pelas (i) orações absolutas e as (ii) subordinadas substantivas, tais como:

- (3) (i) Num paguei não!
(ii) Acho que ele num veio não.

A respeito do tipo de frase, três estruturas foram selecionadas: (i) pergunta, (ii) resposta do tipo sim/não, e (iii) não resposta, conforme exemplos:

- (4) (i) E quando ele fica pra lá, a Senhora não fica preocupada não?
(ii) A Senhora fuma?
Não, brigada. Num fumo não.
(iii) A pessoa não pode tê açúca.

Verificou-se que as respostas às perguntas do tipo sim/não foram as que proporcionaram uma estrutura mais favorável à dupla negação, às quais consistem a rejeição de um pressuposto do interlocutor.

Com relação ao tipo de constituinte pós-verbal, Souza (2004) trabalhou com (i) complemento não-realizado, (ii) complemento realizado e (iii) inexistente. Veja exemplos:

- (5) (i) Eu não gostei não.
(ii) Já num tenho bem ideia não.
(iii) Rapaz, aqui não choveu não.

Os dados de Souza (2004) apontaram para o fato de que a ausência do sintagma que complementa o verbo, ou seja, o complemento não-realizado foi o fator relevante para a ocorrência da variável não-canônica.

No que tange às variáveis sociais na comunidade de Helvécia, observou-se que o sexo feminino produziu mais a dupla negação, com 39% contra 27% dos homens em seus respectivos universos de dados. A faixa etária, por sua vez, diferentemente de outras pesquisas realizadas, apresentou uma maior ocorrência da dupla negação entre os falantes mais velhos, ficando os mais novos com um registro mais acentuado da estrutura canônica.

Diante destes dados torna-se difícil uma explicação teórica para esses registros. Duas hipóteses, no entanto, podem ajudar a esclarecer a aparente contradição de os

informantes mais jovens aderirem preferencialmente a estratégia mais conservadora em detrimento da inovadora: a primeira seria a hipótese da descrioulização, ou seja, por se tratar de uma comunidade rural afro-brasileira os cidadãos mais velhos, possivelmente, tiveram sua primeira língua interrompida pelo contato com a língua portuguesa - a do colonizador - e, com isso, podem ter desenvolvido uma estrutura de negação diferente daquela originalmente imposta pelos colonizadores, configurando, assim, uma língua crioula. Com a exigência de Portugal em só se falar a língua portuguesa no Brasil-colônia, alguns grupos afro-descendentes teriam aplicado regras morfossintáticas de suas línguas maternas nesse “novo” português imposto, podendo, talvez, os dados dos falantes mais velhos de Helvécia serem resquícios desse processo de descrioulização.

A outra hipótese que pode justificar os dados averiguados é que os jovens de hoje, por disporem de ensino regular e acesso aos meios de comunicação, estariam mais preocupados e interessados em aprender a forma que lhes assegure maior aceitação social, isto é, a estrutura canônica.

2.2 As pesquisas de Cavalcante (2007) e Ramos (2002): outras visões

Em sua explanação sobre os aspectos que motivam uma mudança na estrutura gramatical de uma língua, Cavalcante (2007) defende que aspectos psicológicos ligados à necessidade de ênfase e expressividade são os que mais atuam neste processo. Compilando estudos sobre a negação em diversas línguas românicas, o autor observa que as línguas em geral contam com um padrão pré-verbal de negação. Essa estrutura, entretanto, favorece que o acento da sentença recaia em outro item que não a partícula negativa, contrastando, dessa forma, com a importância psicológica que a negação exerce. Essa incongruência aponta a necessidade de um reforço ao item negativo pré-verbal surgindo enfaticamente um segundo elemento com caráter inicialmente opcional. Como o passar do tempo e o aumento do uso desse segundo elemento de negação - o pós-verbal - ele acaba por se tornar parte da negação sentencial de modo que o item negativo pré-verbal já não se torna mais capaz de, sozinho, negar a sentença. Assim, afirma Cavalcante (2007):

Na etapa final do processo, é o item pós-verbal que passa a desempenhar a verdadeira função de negação sentencial e o antigo marcador pré-verbal torna-se opcional e é recorrentemente omitido, podendo até cair em desuso.

No entanto, para o autor, o PB não se encaixa nessa situação por co-existirem no Brasil três estratégias de negação concorrentes, não se caracterizando, portanto, no PB, o que prevê o Ciclo de Jespersen.¹ Resta saber se na verdade o PB ainda não atingiu esse último nível da teoria de Jespersen, haja vista ser o PB uma língua relativamente nova, ou se realmente não vai ocorrer no Brasil o que houve com tantas outras línguas. Essa resposta, como dito antes, somente uma análise diacrônica futura poderá trazer.

Assim como nos estudos de Souza (2004), o tipo de frase que mais favoreceu a ocorrência da dupla negação no trabalho de Cavalcante (2007) foram as frases que são respostas a uma pergunta direta, isto é, resposta a uma pergunta do tipo sim/não, como abaixo exemplificado:

(6) Doc.: E ela costuma ir?

Inf.: Num gosta muito de ir im festa não.

Doc.: E demora muito pa descê, não? Ô vai esperano secá, não?

Inf.: Não. Demora não...

Em investigação a um pequeno corpus da fala da cidade de Salvador (Araújo: 2003), Cavalcante (2007) revelou que 95% dos casos de negVneg e 100% dos casos de Vneg ocorrem em respostas diretas. Tais índices são citados devido à expressiva taxa percentual que representam. Já a estrutura negV aparece nesse corpus em apenas 35% das sentenças.

¹ Termo frequentemente empregado para referir-se a um processo de alteração da posição do advérbio de negação, passando -se da posição pré-verbal para a posição pós-verbal.

Importante registrar que o tipo de frase foi a variável mais relevante para a realização da negação sentencial. A tabela abaixo representa a distribuição das negativas pelo tipo de frase nos corpus de Araújo (2003) e Souza (2004):

Tabela 1: Tipo de frase

Tipo de frase	negV	negVneg	Vneg	Total
Não resposta	73% 1236	24% 412	2% 39	1687
Pergunta	50% 26	40% 21	10% 5	52
Resposta do tipo sim/não	28% 81	47% 135	25% 71	287

Infere-se da tabela uma queda significativa relativa à negativa canônica dos contextos de não-resposta (73%) para as perguntas (50%), e mais ainda para as respostas do tipo sim/não (28%). Em contrapartida, a dupla negação apresenta uma evolução: a estrutura negVneg inicia com apenas 24% de ocorrências para os contextos de não-resposta e aumenta esse índice para 40% nas perguntas e 47% nas respostas do tipo sim/não. Também a negativa pós-verbal tem uma significativa evolução dos ambientes de não-resposta (2%) para as perguntas (10%), e finalmente para as respostas do tipo sim/não, alcançando o índice de 25%.

Outra variável importante nas pesquisas de Cavalcante (2007) foi a escolaridade. O autor coletou seus dados em três comunidades rurais afro-descendentes do interior da Bahia, a saber, Cinzento, Sapé e Rio de Contas, similares a Helvécia, base dos estudos de Souza (2004). O corpus foi dividido em dois grupos: (i) os que tiveram algum contato com a escolarização, denominados semi-alfabetizados e (ii) os que não tiveram contato algum, sendo classificados analfabetos. Abaixo, a tabela apresentada por Cavalcante (2007):

Tabela 2: Escolaridade do informante e tipo de negativa

Escolaridade	NegV	negVneg	Vneg	Total
Semi-alfabetizados	71% 884	24% 302	5% 64	1250
Analfabetos	59,2% 460	34,3% 266	6,5% 50	776

Os resultados indicam uma maior utilização das estruturas inovadoras pelos analfabetos ao passo que os semi-alfabetizados fazem mais uso da estrutura canônica. Coincidência ou não, esta última averiguação compartilha as depreensões dos dados de Souza (2004) na medida em que naquela outra análise os falantes mais escolarizados - os mais jovens na ocasião – também produziram mais a estrutura pré-verbal do que os informantes menos escolarizados, então os mais velhos.

Cavalcante (2007) discorda da consideração de outros autores de que no PB há uma repetição do marcador negativo por ocasião da dupla negação. Para ele, o *não* pré- e pós-verbal são partículas distintas fonológica e discursivamente apesar de coincidirem fonética e morfologicamente. Argumenta o autor que o marcador pré-verbal - e apenas ele - apresenta uma segunda possibilidade de realização, a forma *num*, diferentemente da posição pós-verbal na qual sua aplicação causaria uma agramaticalidade linguística, como se pode observar no exemplo abaixo:

(7) *Eu não me lembro num.

Ainda sobre este aspecto fônico, o autor lembra que o *não* pós-verbal é uma forma livre, sempre tônica, com certa autonomia fonológica ao passo que a partícula pré-verbal é átona e dependente de outras classes - normalmente um verbo - comportando-se como um clítico verbal. Esta argumentação, de certa forma, é procedente uma vez que não faz sentido aplicar o item *num* isoladamente em posição pós-verbal, como se nota no

exemplo acima. Ele só funciona gramaticalmente em substituição ao *não* pré-verbal, denotando de veras uma certa distinção entre os itens pré- e pós-verbal.

Cavalcante (2007) aponta, ainda, uma segunda diferença relativa aos marcadores pré- e pós-verbal de negação. De acordo com o autor, o *não* pré- e o pós-verbal distinguem-se quanto ao aspecto discursivo. Isto porque as formas inovadoras de negação - dupla negação e negativa final - desempenham um papel de quebra de pressuposições levantadas ou inferíveis pelo contexto, função esta desempenhada pelo *não* pós-verbal, e, em contrapartida, a negativa canônica representa apenas uma negação neutra. De fato há que se notar que se tratam de conclusões no mínimo plausíveis (grifo meu).

Ramos (2002) compartilha com Cavalcante (2007) a ideia de que o *não* pré-verbal possui a propriedade de exercer um papel de clítico, ou quase-clítico, em suas próprias palavras. Para isso a autora baseia-se em outros estudiosos (Ilari et alli: 1991) sobre os argumentos de que o quantificador negativo pré-verbal apresenta-se em posição imediatamente precedente ao verbo além de poder ser reduplicado, tal como os pronomes clíticos.

Outra observação interessante do trabalho de Ramos (2002) diz respeito à variação das variantes *não* e *num* na posição em que isso é possível, ou seja, antes do verbo. No corpus analisado a autora faz um levantamento da variante *num* em dois tipos de oração: subordinada ou não subordinada (principal e absoluta). Os dados apontam para um elevado índice percentual de ocorrência da forma *num* nas orações subordinadas atingindo 45% do universo, e impressionantes 57% das orações principais e absolutas. Diante destes dados a autora levanta a ideia de caracterizar a forma *num* como inovadora e avaliar a variação ora exposta como uma mudança linguística em progresso no PB.

3. METODOLOGIA E COLETA DE DADOS

Antes de iniciar a seção sobre a pesquisa sociolinguística realizada para analisar os fatores que favorecem a ocorrência da dupla negação do português falado no Distrito Federal, cabe ressaltar que existe no português falado no Brasil (PFB) uma alternância entre três estratégias de negação, a saber, a negação canônica, a dupla negação e a negação pós-verbal.² A primeira dessas estratégias, conhecida também como negação pré-verbal, é a forma na qual o sintagma verbal encontra-se posposto ao advérbio de negação *não* e é a mais incidente no PFB. A negativa dupla, por sua vez, é aquela em que o *não* incide tanto antes quanto após o sintagma verbal. Por fim, a negação pós-verbal, também conhecida como negativa final, configura-se quando o operador *não* aparece apenas no final da oração.

Muitos estudos atinentes à questão da negação têm sido estimulados pela variedade de alternativas de se negar uma sentença no PFB, principalmente os trabalhos realizados no campo da pesquisa sociolinguística. Uma compilação destes levantamentos - comparando a ocorrência de diferentes variáveis independentes - será capaz de investigar e assegurar se o PFB encontra-se em variação estável - mais de uma variante ocorrendo concomitante e harmoniosamente - ou se passamos por um processo de mudança linguística - uma variante nova substituindo outra mais tradicional. Tal análise é mister para se descobrir se o PFB encontra-se ou não no chamado Ciclo de Jespersen.

O trabalho de campo realizado para registrar a incidência da dupla negação no português falado no Distrito Federal, bem como analisar os fatores que favorecem a ocorrência de tal fenômeno linguístico, contou com dois diferentes tipos de levantamento de dados: observação participante e entrevistas. O primeiro destes métodos consiste na observação e coleta do fenômeno produzido em situações reais de fala, método este que revela a manifestação linguística em sua forma mais informal possível. Tais dados foram coletados em diversos ambientes sociais na cidade de Brasília - DF, sobretudo em uma escola pública de ensino médio e com formandos de curso de graduação da Universidade de Brasília. O segundo método de levantamento de dados - a entrevista - consistiu na

² A pesquisa ora realizada teve como foco a segunda estratégia de negação apresentada, ou seja, a negativa dupla.

gravação em áudio de oito entrevistas com falantes nativos do Distrito Federal distribuídos em dois grupos: Grupo1: falantes com grau de instrução de nível superior; e Grupo2: falantes com grau de instrução sem nível superior. Foram coletados 200 (duzentos) dados de observação participante,³ sendo 100 (cem) do Grupo1 e 100 (cem) do Grupo2. A faixa etária dos informantes variou entre 14 (quatorze) e 29 (vinte e nove) anos de idade, exceto um informante que possuía idade superior a 50 (cinquenta) anos.

3.1 Das Hipóteses

Para a análise da negação sentencial, a qual pode-se manifestar por meio da negativa canônica, da negativa final e da negativa dupla, esta última escopo principal deste trabalho, considerou-se como variáveis independentes a escolaridade e a formalidade/informalidade. Desse modo, parte-se das hipóteses de que a dupla negação será favorecida conforme variem o grau de instrução do falante - ou seja, a escolaridade - e o contexto de formalidade no qual as palavras serão proferidas - formal ou informal -, de modo que quanto maior for o grau de formalidade no qual este falante se encontrar, menor será a expectativa de que se verifique a presença da dupla negativa. Em contrapartida, quanto menor for o grau de instrução da pessoa observada e quanto menos formal for a ocasião na qual as informações serão coletadas, maior é a crença na probabilidade de ocorrência do objeto de estudo do presente trabalho.

³ Vide anexo I.

4. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Do total de dados de observação participante, em pelo menos⁴ 38 (trinta e oito) vezes foi possível identificar a produção da dupla negativa, o que corresponde a 19% dos casos. As 100 (cem) ocorrências do Grupo1 - falantes com nível superior - apresentaram 22 (vinte e dois) dados de negação dupla, atingindo um percentual de 22%, ao passo que das 100 (cem) produções dos informantes do Grupo2 - sem nível superior -, 16 (dezesesseis) delas manifestaram o fenômeno em tela, gerando um grau de 16% deste total. A tabela abaixo reúne os números apresentados:

Tabela 3: Observação participante

	Grupo1	Porcentagem	Grupo2	Porcentagem	Total	Porcentagem
Nº de ocorrências	100	100%	100	100%	200	100%
Negativa Dupla	22	22%	16	16%	38	19%
Negativa Simples	78	78%	84	84%	162	81%

As entrevistas totalizaram 168 (cento e sessenta e oito) dados⁵ dos quais 79 (setenta e nove) foram provenientes do Grupo1 e os outros 89 (oitenta e nove) foram manifestações linguísticas do Grupo2. Destes 168 (cento e sessenta e oito) dados, houve 19 (dezenove) situações de ocorrência do fenômeno, correspondendo a 11% de incidência. Do total de ocorrências o Grupo1 manifestou apenas 4 (quatro) registros da negativa dupla, representando um percentual de 5% do total. Com relação aos registros do Grupo2, a dupla negação foi verificada 15 (quinze) vezes equivalendo a 17% destes dados. A seguir, estes números estão representados na tabela 4:

⁴ A seção 5 do presente trabalho explicitará outras formas de se realizar a dupla negativa que não seja com a presença de duas partículas *não*. Outros operadores quantificadores negativos serão apresentados na próxima seção.

⁵ Vide anexo II.

Tabela 4: Entrevistas

	Grupo1	Porcentagem	Grupo2	Porcentagem	Total	Porcentagem
Nº de ocorrências	79	100%	89	100%	168	100%
Negativa Dupla	4	5%	15	17%	19	11%
Negativa Simples	75	95%	74	83%	149	89%

4.1 Da Análise dos Dados

A análise dos dados de observação participante revela que o grau de instrução do informante não é condição para uma maior ou menor produção do fenômeno em estudo para contextos informais. Os falantes do Grupo1, inclusive, produziram um número um pouco maior da dupla negativa do que os informantes do Grupo2, contrariando a expectativa gerada para essa variável.

Por outro lado, analisando os dados das entrevistas, a variável independente escolaridade foi responsável por uma maior ocorrência da dupla negação no Grupo2. Conforme mostrado na tabela 4, houve uma significativa redução percentual deste fenômeno linguístico do Grupo2 para o Grupo1: 19% contra 5%. Isto significa que no contexto formal de observação a variável escolaridade é determinante para um maior ou menor número de ocorrência da negativa dupla. Esta redução do fenômeno para os falantes com nível superior em ambiente formal é tão expressiva que foi suficiente para diferenciar percentualmente os índices médios de ocorrência da dupla negativa independentemente da formalidade, ou seja, os índices percentuais se mantêm relativamente próximos para o Grupo2 em ambiente formal e informal e para o Grupo1 em ambiente informal - respectivamente 17%, 16% e 22% - mas para o Grupo1 em ambiente formal há uma queda para apenas 5%. Em números percentuais totais, a média dos Grupos 1 e 2 em contexto informal foi de 19% ao passo que no contexto formal esse índice médio dos dois grupos caiu para 11%.

Da análise dos estudos dos autores citados neste trabalho chama a atenção a abordagem de Schwenter (2005) pela sua coerência pragmática. Segundo ele, uma característica linguística que delimita consideravelmente - para não dizer categoricamente - o uso da negativa dupla é o fato de que a informação negada seja velha no discurso, e não apenas velha para os interlocutores, ou seja, a retomada de um assunto - explícito ou inferível - no discurso é que favorece a ocorrência da negativa dupla. Essa abordagem foi confirmada quando da reanálise dos dados das entrevistas⁶ realizadas e vai de encontro à hipótese do caráter pressuposicional da negação sentencial quando manifestada pela estrutura da dupla negação. Veja os enunciados que seguem, extraídos de Lima (2010):

- (1) [Marido e mulher esperam que um encanador venha consertar um encanamento. O marido chega mais cedo em casa e percebe que o encanador não veio e que, portanto, o vazamento continua. Em seguida sua mulher chega em casa com a mesma expectativa dele de encontrar o problema resolvido. Voltando-se para a esposa o marido profere o enunciado.]

Marido: O encanador não veio.

- (2) [Marido e mulher esperam que um encanador venha consertar um encanamento. O marido chega mais cedo em casa e percebe que o encanador não veio e que, portanto, o vazamento continua. Em seguida sua mulher chega em casa com a mesma expectativa dele de encontrar o problema resolvido.]

Esposa: O encanador veio?

Marido: Não veio não.

⁶ Dados constantes do anexo II.

No trecho (1) fica evidente na enunciação do marido que a informação é nova no discurso apesar de velha para os interlocutores, por isso a não ocorrência da negativa dupla. É neste sentido que Schwenter (2005) postula que o caráter de velho no discurso é que condiciona a ocorrência da dupla negação. Observando o trecho (2) pode-se constatar que o pronunciamento do marido já não é mais uma informação nova no discurso, haja vista que o assunto é uma retomada da informação nova da esposa.

Interessante notar que Schwenter (2005) considera o status de discursivamente ativado inclusive para contextos inferíveis. Dessa forma, caso a esposa, ao adentrar à casa, fizesse um gesto facial e/ou corporal que fosse entendido como *E o encanador, veio?*, isso já seria uma condição que tornaria admissível o emprego da dupla negação. Vejamos outro enunciado também retirado de Lima (2010):

(3) Esse arroz à grega é gostoso, né? Tu podes juntar com passas de uva – Aliás, eu *não gosto muito de passas de uva, não. Não sou muito chegada nisso, não.* (falando rindo). Não é uma coisa *que eu gosto muito não*. Negócio de passas de uva, *eu não sou muito chegada, não*. Arroz preto, aquele arroz preto, *não gosto, não*. Passas de uva, *eu não gosto muito, não*. Mas é interessante, que têm pessoas que gostam, né? E fica gostoso, mas é *que eu não sou muito chegada, não*.

Esse enunciado de língua falada é pertinente para exemplificar a constatação de Schwenter (2005) e a recusa do caráter pressuposicional da negação sentencial pelo menos quando manifestada pela estrutura da dupla negação. O trecho acima revela que não há pressuposição por parte do falante, mas sim uma retomada de uma informação nova - na ocasião o arroz à grega - que no decorrer do enunciado torna-se velho no discurso.

A postulação de Schwenter (2005) para a negativa final é semelhante à da dupla, com a peculiaridade de que para as negativas pós-verbais o status de discursivamente ativado é válido apenas para o que foi literalmente informado, desprezando-se as

inferências discursivas. Destarte, Schwenter (2005) desenvolveu um quadro teórico para ilustrar sua abordagem:

Quadro 1: Ocorrência das estratégias de negação segundo Schwenter (2005)

Forma	Novo no discurso	Inferível	Diretamente ativado
Negativa pré-verbal	Sim	Sim	Sim
Dupla negativa	Não	Sim	Sim
Negativa pós-verbal	Não	Não	Sim

Adaptado de Schwenter, 2005, apud Lima, 2010.

Outra variável linguística que se mostra relevante na análise da ocorrência da dupla negação é o tipo de frase. Os trabalhos pesquisados,⁷ dentre eles os de Souza (2004) e Cavalcante (2007), revelam que as respostas diretas do tipo *sim/não* se mostraram como um ambiente favorecedor ao aparecimento da dupla negação.

Pelo exposto, o que é interessante destacar da análise dessas variáveis linguísticas é a correlação que há entre ambas. As investigações de Souza (2004) e Cavalcante (2007) corroboram a postulação de Schwenter (2005) à medida em que todas as respostas do tipo *sim/não* são respostas que retomam um enunciado novo que a partir delas se tomam velhos. Desta forma, sob as duas óticas constata-se que a dupla negação se manifesta pelo caráter de velho no discurso, conforme postulado por Schwenter (2005).

4.2 Dos Resultados

Diante do exposto, infere-se que a hipótese inicial - quanto maior for o grau de formalidade no qual o falante se encontre, menor será a expectativa de que se verifique a presença da dupla negativa - foi ratificada. Isto porque, como se pode depreender das

⁷ Apresentados nos subitens 2.1 e 2.2.

tabelas de demonstração, o percentual de registros da dupla negação foi menor nos dados coletados pela realização das entrevistas em comparação com os dados colhidos pela observação participante (11% contra 19%, respectivamente). Sendo assim, podemos afirmar que quanto mais formal for o ambiente, menor será o número de registros da dupla negação.

Por outro lado, a segunda hipótese - quanto menor for o grau de instrução e quanto menos formal for a ocasião na qual as informações serão coletadas, maior é a crença na probabilidade de ocorrência do objeto de estudo - foi parcialmente confirmada e parcialmente refutada. Com relação ao aspecto de a informalidade aumentar a probabilidade de ocorrência, a hipótese se confirmou, conforme demonstrado no parágrafo anterior. No entanto, a respeito de um menor nível de instrução aumentar o aparecimento da dupla negativa este aspecto não se confirmou, haja vista que o Grupo2, o menos escolarizado, teve uma produção menor que o Grupo1.

Cabe ressaltar a conclusão de Furtado da Cunha (2001) em sua pesquisa sobre o tema para contexto formal de observação. Um fato que chama a atenção na investigação da autora é a diminuição do número de ocorrência de estratégias não canônicas à proporção que aumenta o grau de instrução do falante. Tal observação está em consonância com o que foi ratificado neste estudo tendo em vista que se considerou o contexto formal de observação. No entanto, para os dados coletados em ambiente informal o aumento do grau de instrução não favoreceu a diminuição do fenômeno, ao contrário, o Grupo 1 produziu mais o fenômeno em comparação com o Grupo2.

5. OUTRAS FORMAS DA DUPLA NEGAÇÃO

Conforme prelúdio da nota de rodapé à página 27, há outras formas de negação que se utilizam de dois itens negativos sem que estes dois itens sejam necessariamente o advérbio de negação *não*. Camargos (2000), em sua análise do dialeto mineiro da cidade de Belo Horizonte, considera que a dupla negação pode ser realizada com um operador quantificador negativo - nunca, nada, ninguém... - em posição pré-verbal e a partícula *não* após o sintagma verbal, como no exemplo:

(1) ... nunca cheguei a gostar muito não. (Camargos, 2000:3)

Tendo em vista esta classificação tratar-se de assunto muito subjetivo e o assunto merecer uma atenção especial por parte dos pesquisadores da linguagem, algumas dessas ocorrências⁸ - comuns no PFB e não diferente no português falado no Distrito Federal - foram destacadas ao final deste trabalho para a observação e análise a quem o tema interessar. No mesmo universo de pesquisa do capítulo anterior foram registrados 22 (vinte e duas) ocorrências desse tipo de negativa dupla para os dados de observação participante (num total de 200 registros), e 10 (dez) manifestações para os dados coletados nas entrevistas (num total de 168 registros), o que corresponde, respectivamente, a 11% e 6% do universo total observado.

Furtado da Cunha (2001) é outra autora que também considera essas outras possibilidades de dupla negativa em suas análises, como se pode observar nos exemplos extraídos de seu trabalho:

“eu disse...não...num aceito não porque...”(Língua falada, 2001, p.10)

“e um motorista dele... nesse tempo ele...num era... num era um motorista dele não...era do hotel...”(Língua falada, 2001, p.11)

⁸ Vide anexo III.

CONCLUSÃO

As negativas sentenciais representam um dos temas em aberto para as pesquisas sociolinguísticas tendo em vista a diversidade de teorias e hipóteses que são formuladas sobre elas. Este trabalho procurou mostrar uma parte dessas abordagens postuladas por alguns teóricos do campo da Sociolinguística Variacionista visando esclarecer quais variáveis - sociais e linguísticas - contribuem de maneira mais significativa para a ocorrência do fenômeno da dupla negação no PFB. Objetivou-se também apresentar alguns conceitos linguísticos inerentes à negação em geral com o intuito de facilitar a compreensão deste fenômeno linguístico.

Não são poucas as abordagens que merecem ser consideradas pelo leitor, uma vez que muitas postulam conceitos e teorias que se comprovam pragmaticamente em certos casos. No entanto, uma delas deve ser olhada com mais atenção: a hipótese de Schwenter (2005). Este autor, por meio de sua teoria de que a dupla negação está restrita a informação velha no discurso,⁹ parece ser o que mais avançou sabiamente na questão das variáveis que mais influenciam a ocorrência de uma ou outra estratégia de negação. Tal postulação foi constatada numa segunda análise dos dados coletados do português falado no Distrito Federal e pode ser ratificada por qualquer leitor interessado no assunto.

Desta forma, pretende-se agregar informações úteis aos diversos programas desenvolvidos no país acerca da negação sentencial e contribuir para o avanço das pesquisas sociolinguísticas que têm como escopo o tema da negação, sobretudo da negativa dupla.

⁹ Veja detalhes no subitem 4.1

Anexo I

Observação participante:**Nível Superior:**

- 1) Não, porque na minha época era assim.
- 2) Não, é de outro tipo.
- 3) **Não, não pode não.**
- 4) Não tem pão francês na França.
- 5) Não, dinheiro não traz felicidade.
- 6) Não, é só você saber lidar com o dinheiro.
- 7) Ele não tem o ensino médio completo.
- 8) Eu só não compro porque eu...
- 9) **Eu não vou entrar não.**
- 10) Eu nem vou entrar pra aula não.
- 11) Não, eu vou mais tarde.
- 12) A Magda não era tão picareta.
- 13) **Eu não sabia que ele tinha entrado não.**
- 14) **Não, a gente não viu não.**
- 15) **Não estudei não.**
- 16) Eu também não.
- 17) Não, ele falou que podia entregar que ele vai corrigir.
- 18) Não torci pra nenhum, na verdade.
- 19) Não, foi ao contrário.
- 20) O resto não vale a pena.
- 21) ICMS ele não coloca.
- 22) Não pô, tem ICMS que é de estado para estado.
- 23) Ah não! A gente tem vergonha de falar espanhol.
- 24) A gente não pode, por exemplo, ter primo de primeiro grau.
- 25) **Não fala essas coisas aqui não.**
- 26) Gente, vocês não sabem: Amorim vai dançar aqui em Brasília.

- 27) Não, em dia normal é dez reais.
- 28) Ah! Eu não gosto do Cota Mil não.**
- 29) Acabou a primeira música e o cara não me largava.
- 30) Você é incompetente! Você não ligou.
- 31) A gente não se beijou.
- 32) Não, mas de qualquer forma é no Norte.
- 33) Não é uma apresentação, é só para mostrar.
- 34) Não, mas toda contratação estrangeira vai ser assim.
- 35) Não, não! Já saiu a decisão judicial.
- 36) Não é tudo isso não.**
- 37) Não, não é caô porque ele cantou.
- 38) Sei não o que ele tá fazendo da vida.
- 39) Vai pra aula não, moleque?
- 40) Só tenho que pensar se eu quero ir ou não.
- 41) Não, não escutei.
- 42) Se eu tiver uma crise de estresse e eu não for, você sabe porque é.
- 43) Não, mas tá bom então.
- 44) Eu tava sozinha, eu não tava com ninguém.
- 45) Não, pois é.
- 46) Não, mas eu falei assim.
- 47) Não tem aula não.**
- 48) Não, só tem uma.
- 49) Mas não tem no curso.
- 50) Não, contabilidade tava de boa também.
- 51) Eles não vão saber fazer algumas coisas.
- 52) Não vai ter aula não?**
- 53) Não deu tempo de fazer.
- 54) Não, mas tem jeito pô.
- 55) Não tinha como tentar aquela prova fácil.
- 56) Eu não vi um sair de boa daquela prova.
- 57) Teve gente que chegou na 2 e não fez mais nada.

- 58) E ele não teve aula por quê?
- 59) Será que ele não aceitaria?
- 60) **Ele não vai aceitar não.**
- 61) Não, eu acho que não adianta.
- 62) **Eu não vou aceitar isso não.**
- 63) Mas ele não é dono da matéria.
- 64) Ele não pode fazer o que bem entende.
- 65) Por isso que ele não sabe nada.
- 66) Eu acho que ele não corrigiu a prova.
- 67) Não, e ele não sabe responder as perguntas.
- 68) Pô, mas eu não tenho o Moodle.
- 69) Eu não tô nem no Moodle.
- 70) Pra ele não vir com outra ideia.
- 71) **Ah, eu não sei se esse cara faz não.**
- 72) Sei quem é não.
- 73) **Não é fácil não.**
- 74) Não teve ninguém que gabaritou dois controles.
- 75) Porque ela é baseada no autor e não na teoria.
- 76) Não adianta nada.
- 77) Não, essa aí também até que não.
- 78) **Não teve aula aqui não?**
- 79) **Não é amanhã não gente.**
- 80) **Não é amanhã não.**
- 81) O William e o Davi não fizeram o exercício.
- 82) **Ah, se eles não fizeram eu também não vou fazer não.**
- 83) Não, tipo assim: o bolo é só cinza.
- 84) A gente não tem nenhuma falta ainda.
- 85) Você não vai semana que vem?
- 86) Eu não sou da Hype.
- 87) Ela falou assim: Eu não quero na cartolina.
- 88) Não to falando que ninguém é feio.

- 89) Oh! Você não pode falar nada.
- 90) **Seu pai não vai querer comprar não.**
- 91) A descrição não é muito aproximada.
- 92) Não tem diálogo.
- 93) Nós não temos nenhum aspecto de apologização.
- 94) A gente não conseguiu nem ficar lá.
- 95) **Eu não vou nada não.**
- 96) **Eu não posso mais ir pra esses lugares não.**
- 97) **Ele não toma banho não?**
- 98) Eu dava tudo pra não ir.
- 99) Eu não quero nem imaginar o meu príncipe.
- 100) Eu não quero nem saber.

Nível Médio:

- 1) **Eu falei: Não é estranho não.**
- 2) Não mas, só zoar.
- 3) Se eu quizer sair e ele não quizer, eu ia.
- 4) Não, é tipo assim: ele não quer morar junto.
- 5) Ele perguntou: Você não quer vir pra cá por quê?
- 6) Só que eu não queria o Bruno por que ele já ficou com todas as meninas da loja.
- 7) Tipo assim: ele não gosta de dançar.
- 8) **Aí ele não quis ir não.**
- 9) Também só não vou por sua causa.
- 10) **Não aceita não.**
- 11) **Não aceita não.**
- 12) Meu não, teu.
- 13) Não sei te informar.
- 14) Isso aqui não é sapato, isso aqui é uma arma.
- 15) Tá acabando a aula, não vou entrar.
- 16) Você não sabe de nada véi.

- 17) Ele não vai puxar completamente.
- 18) Não é não.**
- 19) Só não posso me retirar porque fui eu que premeditei a ação.
- 20) Eu não sei, mas eu acho que o João Paulo vai.
- 21) Você não é burro, mas na hora do estresse você vai falar mais alto.
- 22) Você não tem que pensar que tem um processo.
- 23) Você não precisa de prova se tiver uma queixa.
- 24) Não deixa o Bruno mal-acostumado não.**
- 25) Pô, não é possível.
- 26) Ela não tem o que fazer.
- 27) Ela não tem o que fazer.
- 28) Ela vai perceber que tu não sabe muito.
- 29) Passou um monte de coisa aqui que não era.
- 30) Não, termina comigo não.
- 31) Não Joaquim, não vou entregar véi.
- 32) Não, não, não!
- 33) Porque tu não faz, pô?
- 34) Não sei véi.
- 35) Não tem uma foto que eu tiro que não sai disparado.
- 36) Como se fala em inglês: Não estava muito bom.
- 37) Não fala nada.
- 38) Não tem culpa.
- 39) Eu não tô brincando.
- 40) Pra mim não tem nada.
- 41) Você não entendeu o contexto meu e do Bruno.
- 42) Oh! Tu não me tira não, véi.**
- 43) Porque daqui você não tem noção.
- 44) Aí elas não conseguiam.
- 45) Gente, não sei, era só.
- 46) Eu bebo água aqui e não mata minha sede.
- 47) Segunda-feira que vem eu não vou poder vir.

- 48) Não é dia vinte de julho?
- 49) Você não quer passar na UnB?
- 50) Porque que tu não lancha aqui?
- 51) Não gasta véi.
- 52) Porque você não traz logo?
- 53) Acho que não tem nenhum bom, véi.
- 54) Sabe porque não dá pra fazer a inscrição?
- 55) Eles falaram que nem iam chamar porque tava em julho e eles não iam assinar.
- 56) Aí oh! Não dá mais pra dar aula.
- 57) Porque nessa turma os cara não agride.
- 58) Isso não é coisa que se faça não.**
- 59) Porque ela não conseguia.
- 60) Cara, eu não acredito que eu tô ouvindo isso.
- 61) Não é não, Bruno?**
- 62) Ele não teria coragem de falar pra ninguém
- 63) Não esquece de trazer.
- 64) Eu acho que a professora não olhou o resumo.
- 65) Não foi por culpa minha.
- 66) Falei: Velho, eu nunca mais vou nessa aula.
- 67) Eu não tinha banhado no outro dia.
- 68) Não tinha condições.
- 69) Não deu nada.
- 70) Não é do lançamento.
- 71) Não fala de mim.
- 72) Não pega em mim, véi.
- 73) Não sei não.**
- 74) Aqui não rola.
- 75) Nossa, eu não vou falar mais com você não.**
- 76) Não sei, nunca participei.
- 77) Não, ainda não.
- 78) Eu acho que não.

- 79) Mas não é cara a menina.
- 80) É que eu não tenho.
- 81) Meu filho, você não tem ideia.
- 82) Não, eu não fico não.**
- 83) Não sei fazer.
- 84) Vai falar tchau não?
- 85) Eu na hora não sabia.
- 86) Não meu amor.
- 87) Coisa boa não é.
- 88) Eu não sei.
- 89) Deixa não, viu.
- 90) Eu não posso não.**
- 91) Não ficou nenhuma uvinha.
- 92) Não vem dizer que não é.
- 93) “R” é esquerda, não é?
- 94) Eu não chamo.
- 95) E eu também não sei muito bem não.**
- 96) Vou deixar você sair não.
- 97) Não dá pra trocar não.**
- 98) Não foi o Artur não?**
- 99) Ah não gente!
- 100) Lucão! Eu não vou.

Anexo II

Entrevistas**Nível Superior:**

- 1) Por enquanto não pretendo atuar na área.
- 2) Não, no segundo semestre de dois mil e onze.
- 3) Não pretendo fazer a dupla habilitação.
- 4) Não me dá privilégio nenhum.
- 5) Eu não posso exigir a mesma formalidade de um brasileiro.
- 6) Não, trabalho na cento e nove Norte.
- 7) Não, o deslocamento não é fácil devido à distância.
- 8) Não, é gasolina só.
- 9) Não coopera.
- 10) Mas não profissionalmente.
- 11) Não, autógrafo é pra quem pode.
- 12) Não, não. Eu gosto muito de musica de concerto.
- 13) **Eu também não sei não.**
- 14) São salários que não são correspondentes ao que muitos deveriam ganhar.
- 15) Não ganha dinheiro nenhum mas é feliz.
- 16) Não é o meu caso.
- 17) Eu não posso perecer por causa de um diploma.
- 18) Não, não, não, não. Como promotor não.
- 19) O supervisor, inicialmente, não tava-se pedindo nada assim.
- 20) Pra não atingir a meta, as vezes o problema não é o funcionário.
- 21) Então a culpa não vai ser do meu profissional.
- 22) Não por ser esposa de um dos donos que ela deixa de fazer o serviço.
- 23) Independente de ser esposa de dono ou não.
- 24) Não é que uma ação, por exemplo...
- 25) Não pode parecer com...
- 26) Tem mulheres assim, não tão bonitas.

- 27) Não, desse não.
- 28) Hoje os nossos profissionais não tem uma faculdade e tudo.
- 29) Hoje não, não. Não tem.
- 30) Até então não é importante.
- 31) Não, fica a trinta e oito quilômetros.
- 32) Não, vou de carro todo dia.
- 33) Não, não. Não tem.
- 34) Ah não. Kit-gás que você fala é...
- 35) Não, não, não. Não tem.
- 36) Dá não.
- 37) Dá não.
- 38) Pra quem não é muito do ramo.
- 39) Quando tem algo que eu não concordo.
- 40) Não, final de semana não.
- 41) Não, moro em Brazlândia.
- 42) Não, costume não.
- 43) Não, sou evangélico.
- 44) **É, não tem muito tempo pro lazer não.**
- 45) Não, foi pelo Corinthians.
- 46) Não, provavelmente me formo no final do ano.
- 47) Se bem que eu não pretendo dar aula.
- 48) **Mas não tá fora de cogitação não.**
- 49) Não, eu sou casado.
- 50) Não, entrei em dois mil e sete.
- 51) Na verdade eu não tenho reação.
- 52) E na maioria das vezes eu não digo pra pessoa que ela me magoou.
- 53) Não, eu sou bem controlada.
- 54) Não, só de segunda a sexta.
- 55) Não, sou casada.
- 56) Mudei de ideia não.
- 57) Primeiro porque eu não conseguiria entrar nunca.

- 58) Não, não necessariamente.
- 59) Eu não sei se eu teria muito emocional.
- 60) Eu não gosto de mexer com sangue.
- 61) Não sinto nojo.
- 62) Não, no ano que vem só.
- 63) Não, pego ônibus.
- 64) Eu não sei exatamente quem foi o responsável.
- 65) Eu não sei, realmente eu nunca pesquisei quem foi o responsável.
- 66) Não, eu acho que ela ainda atua.
- 67) Não, boa parte trabalha fora.
- 68) Olha, eu não sei.
- 69) Meus pais não tinham condições de pagar.
- 70) E eu não tinha condições de pagar.
- 71) Não passei.
- 72) O destino falou que não era pra eu fazer Letras naquele momento.
- 73) E hoje eu não sei se eu quero dar aula mais.
- 74) Sem contar que o salário não é lá essas coisas.
- 75) Eu não pensei nisso.
- 76) Não é tudo bonitinho como eu pensei que fosse.
- 77) Quer falar mais não?
- 78) **Mas em Brazlândia, especificamente, não tem mais não.**
- 79) É um dos motivos pelo qual as pessoas de Brazlândia não fugiram de lá.

Nível Médio:

- 1) À noite não.
- 2) Não, é corrido.
- 3) Não, de moto é mais confortável.
- 4) Tenho não.
- 5) **Aqui, em si, não vejo motivo de mudar daqui não.**

- 6) **Não, até que não. Não tava muito não.**
- 7) Não deu pra mim conhecer o Cristo Redentor porque tava em reforma.
- 8) Pão-de-açúcar também não.
- 9) **Não deu tempo não.**
- 10) **Nós não fomos lá não.**
- 11) **Eu não sei não.**
- 12) Não, não. Quando muda o clima.
- 13) Não, eu estudo em Taguatinga.
- 14) Aí não é possível que a minha vai ser sorteada.
- 15) Tem não.
- 16) Nunca tive essa curiosidade de ver não.
- 17) E quando eu não tenho aula vou buscar ela.
- 18) Não, foi tranquilo.
- 19) **Eu não tô lembrado de ter pegado não.**
- 20) **Eu não peguei ônibus não.**
- 21) **Mas eu nem olhei no mapa e não vi não.**
- 22) Porque não tem Deus no coração.
- 23) Trabalho, não estudo.
- 24) Porque meu pai não tinha arrumado trabalho ainda.
- 25) Não, não, não. Venho de ônibus mesmo.
- 26) Até que não é muito perigoso.
- 27) **Não. Eu não aconselho não.**
- 28) **Mas não pode facilitar não porque o lugar é perigoso.**
- 29) Não. Eu acredito que não.
- 30) Não tem necessidade.
- 31) Não, não, não. Sou o mais velho.
- 32) Num dá não.
- 33) Hoje em dia num dá.
- 34) Então num dá.
- 35) Não é possível hoje em dia.
- 36) Não, não, não. Eu acredito que não.

- 37) Não, não, não. Sou casado.
- 38) Não, ela leva ele pro serviço.
- 39) Não, não, não. Lá no P Norte mesmo
- 40) Não, não, não. Ela vai de pé mesmo.
- 41) Não, não, não. **Não precisa não.**
- 42) Ainda, não.
- 43) Você não pode facilitar né.
- 44) **Não tem jeito não.**
- 45) Não estudo no momento.
- 46) Não, só depois de três meses.
- 47) Não, pública.
- 48) Não sei.
- 49) Não tô sabendo.
- 50) Não sei, nunca perguntei pra ele.
- 51) Não, eu não sei.
- 52) Não, mas ele é o dono.
- 53) Não sei se ele manda embora, mas ele é o dono.
- 54) Não, não. Não é noturno.
- 55) Eu não sei se tem shopping.
- 56) Não sei.
- 57) Eu não sabia.
- 58) Sério, eu não sabia.
- 59) Não.
- 60) Não, três moram aqui.
- 61) Não, eu tenho uma irmã.
- 62) Não.
- 63) Não sei. Talvez Santos, Vasco...
- 64) Não tá jogando bem.
- 65) Não tá fazendo um bom campeonato.
- 66) Mas porque o Flamengo num tá né?
- 67) Mas se não fosse seria uma pedra no caminho.

- 68) Não sei né.
- 69) Não, se for Flamengo ou Corinthians eu não torço.
- 70) **Eu também não gosto não.**
- 71) **Não, eu não gosto muito não.**
- 72) Não levo desaforo pra casa de jeito nenhum.
- 73) Não, pouco tempo.
- 74) Domingo não.
- 75) Não, é cansativo mas vale a pena.
- 76) Às vezes sim e outros dias não.
- 77) Eu não entendo muito de futebol.
- 78) É, eu acho que não.
- 79) De infância... eu não digo de infância.
- 80) Só que ela não tá exercendo no momento.
- 81) Porque ela não gosta muito dessa área.
- 82) Não, muita gente já tá fazendo esse curso.
- 83) Se você não conhece ninguém e fica só em casa é complicado.
- 84) Não, só quando eu tô de férias.
- 85) Não, não posso escolher.
- 86) Na Privada a gente não pode escolher.
- 87) **Mas não dá pra se divertir um pouquinho não?**
- 88) Eu só não fui por causa do trabalho.
- 89) Não, tomou não.

Anexo III

Observação participante

- 1) Eu nem vou entrar pra aula não.
- 2) Teve gente que chegou na dois e não fez mais nada.
- 3) Por isso que ele não sabe nada.
- 4) Eu não tô nem no Moodle.
- 5) Não adianta nada.
- 6) A gente não tem nenhuma falta ainda.
- 7) Ele não teria coragem de falar pra ninguém.
- 8) Oh! Você não pode falar nada.
- 9) Você não sabe de nada véi.
- 10) Não fala nada.
- 11) Pra mim não tem nada.
- 12) Acho que não tem nenhum bom, véi.
- 13) Não deu nada
- 14) Não ficou nenhuma uvinha.
- 15) Nós não temos nenhum aspecto de apologização.
- 16) Não tô falando que ninguém é feio.
- 17) Eu não quero nem imaginar o meu príncipe.
- 18) Eu não quero nem saber.
- 19) Não torci pra nenhum, na verdade.
- 20) Eu tava sozinha, eu não tava com ninguém.
- 21) Não teve ninguém que gabaritou os dois controles.
- 22) A gente não conseguiu nem ficar lá.

Entrevistas

- 1) Não me dá privilégio nenhum.

- 2) Não ganha dinheiro nenhum mas é feliz.
- 3) O supervisor, inicialmente, não tava-se pedindo nada assim.
- 4) Você não pode facilitar, né?
- 5) Nunca tive essa curiosidade de ver não.
- 6) Num dá não.
- 7) Primeiro porque eu não conseguiria entrar nunca.
- 8) Mas porque o Flamengo num tá, né?
- 9) Não levo desaforo pra casa de jeito nenhum.
- 10) Se você não conhece ninguém e fica só em casa é complicado.

BIBLIOGRAFIA

CAMARGOS, Marcelo. *A negativa: uma análise qualitativa*. Disponível em <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/clca03.htm#1n>. Acessado em 10 de junho de 2011.

RAMOS, Jânia M.; ALKMIM, Mônica G. R.. *Dialeto mineiro e outras falas. Estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

SOUSA, Arivaldo Sacramento de. *Estruturas de negação em uma comunidade rural afro-brasileira*. UFBA, 2004.

FURTADO DA CUNHA, M. Angélica. *O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação*. São Paulo: DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 2001.

CAVALCANTE, Rerisson. *A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. Salvador: 2007.

CEZARIO, M. Maura; VOTRE, Sebastião. *Manual de linguística*. Capítulo: Sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2009.

LIMA, Luana S. de. *A negação sentencial: uma abordagem pragmática*. Porto Alegre, 2010.

GIVÓN, Talmy. *Negation in language: pragmatics, function, ontology. Syntax and semantics 9: pragmatics*, ed. By Peter Cole, 69-112, New York: Academic Press, 1978.

HORN, L. *Metalinguistic negation and pragmatic ambiguity*. *Language*, V.61, N. 1, 1985.

SCHWEGLER, Armim. *Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese – A linguistic change in progress*. *Orbis* 34:187-214, 1991.

SCHWENTER, Scott A. *The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese*. *Lingua* 115.1427-56, 2005.

SCHWENTER, Scott A. *Fine-Tuning Jespersen's Cycle*. In: *Drawing the Boundaries of Meaning: Neo-Gricean Studies in Pragmatics and Semantics in Honor of Laurence R. Horn*, ed. By Betty J. Birner and Gregory Ward. Amsterdam: Benjamins, 2006.

MENUZZI, Sérgio de Moura. *Sintaxe & Função da Negação Sentencial*. Florianópolis: UFSC, 2008.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.